



A barraca da pesca, na feira do palacio de Crystal no Porto

(Phot. J. Azevedo)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphics

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 3\$000
Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs.
Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregador
acresce o importe das despesas
Estrangeiro—Um anno, 3\$600.

Numero avulso, 80 reis

Numero 204

Braga, 26 de Maio de 1917

Anno IV

OFFICINAS

—DE—

Escultura e Pintura

—DE—

Teixeira Fanzeres

Garante-se perfeição em todos os serviços

Preços sem competencia

RUA DO SOUT 134—BRAGA

Livraria e Papelaria CRUZ & COMP.^A (Editores)

121, Rua Nova de Sousa, 133—BRAGA

Telephone n.º 29

Telegrammas: **CRUZ LIVRARIA**—BRAGA

Casa fundada em 1888

Editora de muitos livros approvados e adoptados em todo o paiz, para o ensino primario, normal, secundario e superior e de muitos volumes religiosos, litterarios, etc. etc.

Remette-se o catalogo a quem o requisitar.

BANCO POPULAR PORTUGUEZ

SEDE NO PORTO

46—Rua do Loureiro—48

Com representação em todo o paiz

EM BRAGA:

Manuel da Conceição Rocha & C.^a

ABRE BREVE MENTE

Paramentaria, Sirgaria e
Artigos militares

—DE—

RIBEIRO DE CASTRO & VILLELA

99, Rua do Souto, 101

MISSAES

BRAGA

BREVIARIOS



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 26 de Maio de 1917

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 204—Anno IV



PORTO—A Barraca Hollandesa no Palacio de Crystal

(Phot. J. Azevedo).

CHRONICA DA SEMANA

De variadissimas coisas

HONTEM de tarde um jocoso commentador das coisas publicas observava para mim:—homem já ha bastante tempo que não tem havido sua revoluçõesinha p'ra amenisar!...

A avaliar pela gargalhada sonóra com que sublinhou o dicto facêto, é de crêr que aquelle seja o homem feliz que varios Diogenes andam por alli, por aqui, buscando com paciencia, atravez da feira portugúesa—como o outro! Todos nós temos um pouco dos que tentam afogar em prazêr as suas melancolias. Eu ri tambem com a observação formulada. *Tristezas não pagam dividas*, diz o povo.

Mal sabia eu porém aquella hora de hontem encurralado n'um compartimento de comboyo aquecido a lenha (a guerra reconduz-nos ao primitivo!) que hoje pela manhã ao atravessar a Praça Nova, pensando—como não pensar?—na mobilisação que me vae arrebanhar, d'aqui a mezes, pela certa, o meu infallivel fornecedor de novidades me travava pelo braço e disparava o seu não menos infallivel: *então já sabe?*

Não, eu não sabia coisa alguma. Então que havia?

—Ora! pois v. não viu o *placard* do *Commercio!*

Expliquei que cahido uma vez no lôgro de os lêr acêrca da guerra, resolvi não cahir n'outra.

—Pois ha zaragata em Lisboa... Fulano, que, como v. sabe, é um triumpho republicano, disse-me que havia barulho.

A falta de pão, sabe? Pois é por causa da falta de pão!

E apresentou-me logo um feixe de noticias que eu me abstenho de repetir deante dos leitores porque a censura poz-se a olhar para mim com uns olhares severos de preceptora quando o alumno está prestes a proferir inconveniencias:—*Ah! se dizes... deito-te pimenta na lingua!* E' claro que o sr. Pimenta de Castro está longe, mas a censura deitar-me-hia risco de lapis ou tinta vermelha na prosa, se eu tentasse, de léve que fôsse, reproduzir o que agora ouvi acêrca do que vae por Lisboa! Nada de brincadeiras. Demais a mais, eu não lucro nada em brincar com a censura a tal respeito. Se as noticias são verdadeiras, é bem possivel que o leitor já as tenha recebido, quando me lêr e se são falsas eu cõro o perigo de ser accusado de propalar boatos e ir, direito como um fuso, para a sombra refrigerante do Aljube, que por muito menos lá esteve ha pouco tempo o meu illustre amigo dr. Correia da Silva.

Ninguém pode dizer hoje, em Portugal: d'essa agua não beberei! Isto é a terra eleita das surpresas! Quem havia de nos affirmar que iriamos para a guerra? E todavia para lá iremos todos, se Deus nos dê vida e saúde por muito paradoxal que esta condição pareça... Quem nos diria que tempos haviam de vir em que negociantes ao lêrem que a Russia faria a paz em separado, abririam os braços e erguêr-os-hiam ao alto para os deixar recahir, tombar desoladoramente, ao som d'esta lamentação que deita para milhares de léguas a de Jeremias:

—O peor é se a guerra acaba!

E contudo, leitor, o caso passou-se mesmo assim no escriptorio d'um advogado meu amigo,

Nada já nos pode matar pelo imprevisto, Nada! Nem a questão das irmandades com o Patriarcha e o sr. nuncio que é a *reprise* d'uma velha ária, nem o escandalo dos automoveis, que é, no genero, modernissimo e luminosissimo, e além d'isso profundamente symbolico visto como afinal, quer queiramos quer não, nós vamos pela estrada da civilisação até Pantano, a nove e em linha recta.

Quando o sr. Almada Negueiros, futurista, escreveu na sua arrevezadissima linguagem de nêgro uma série de coisas que rematavam n'um *morra o kilometro!* o sr. Negueiros definia com um poder de synthese inegalavel a nossa atracção para o abysmo.

—Não se aterrorizem, eu explico: Camillo traduzia vernáculamente o *abyseus*, *abyssum* invocat por *asneira pucha asneira*.

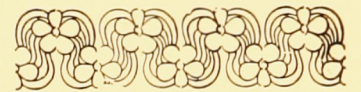
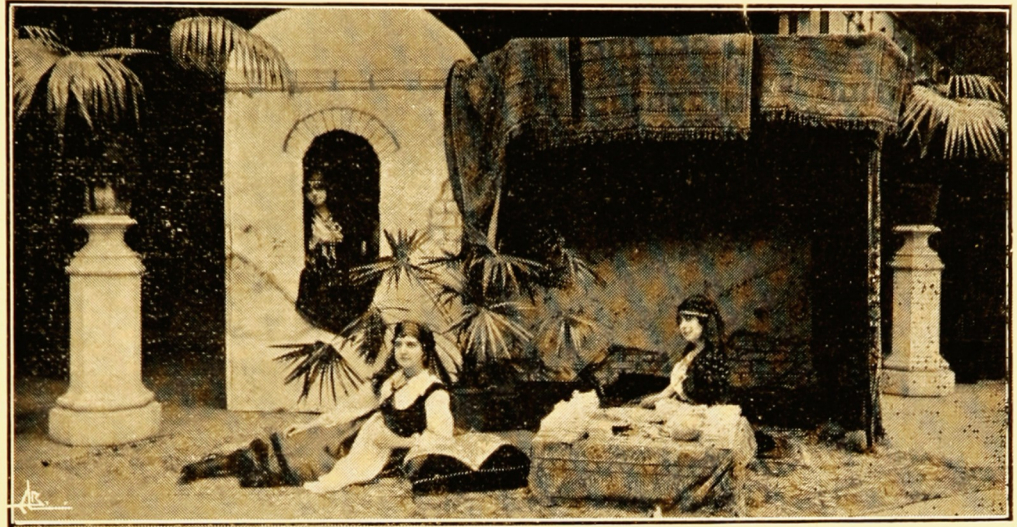
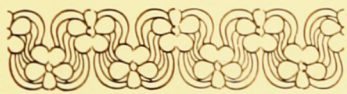
Nós já estamos a puchar por nova asneira e—não tenham duvidas—como na anecdotá bocagiana, ha-de sahir!...

F. V.

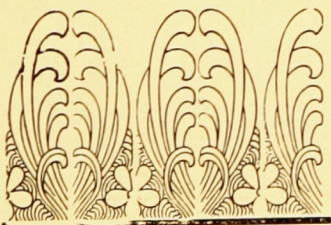
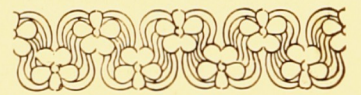
A FEIRA NO PALACIO DE CRYSTAL NO PORTO



*Barraca
da
"Buena Dicha,,*

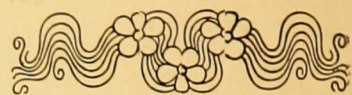
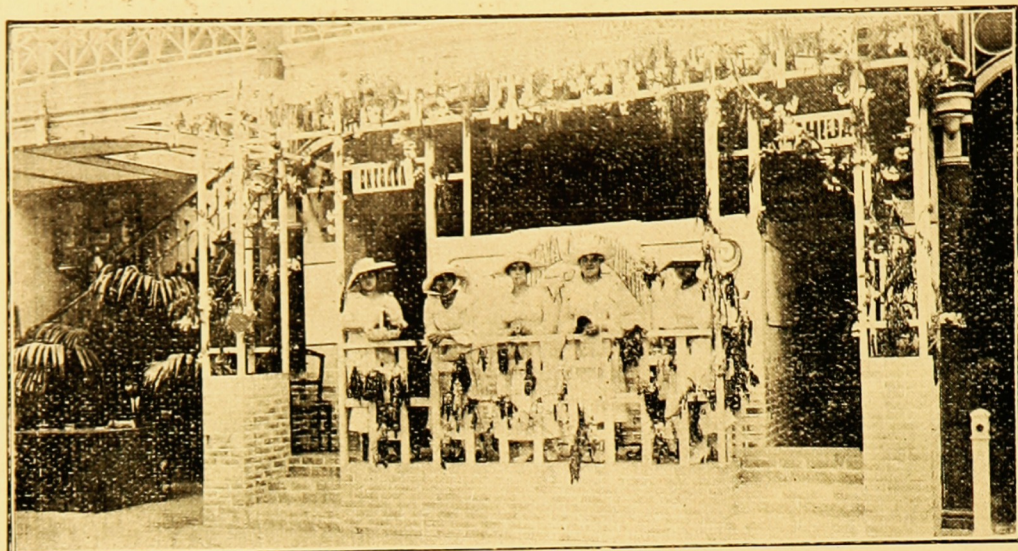


*Barraca
da
"Moeda da
Felicidade,,*

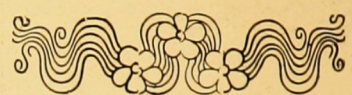


*Barraca
do
"Pim-Pam-
Pum,,*

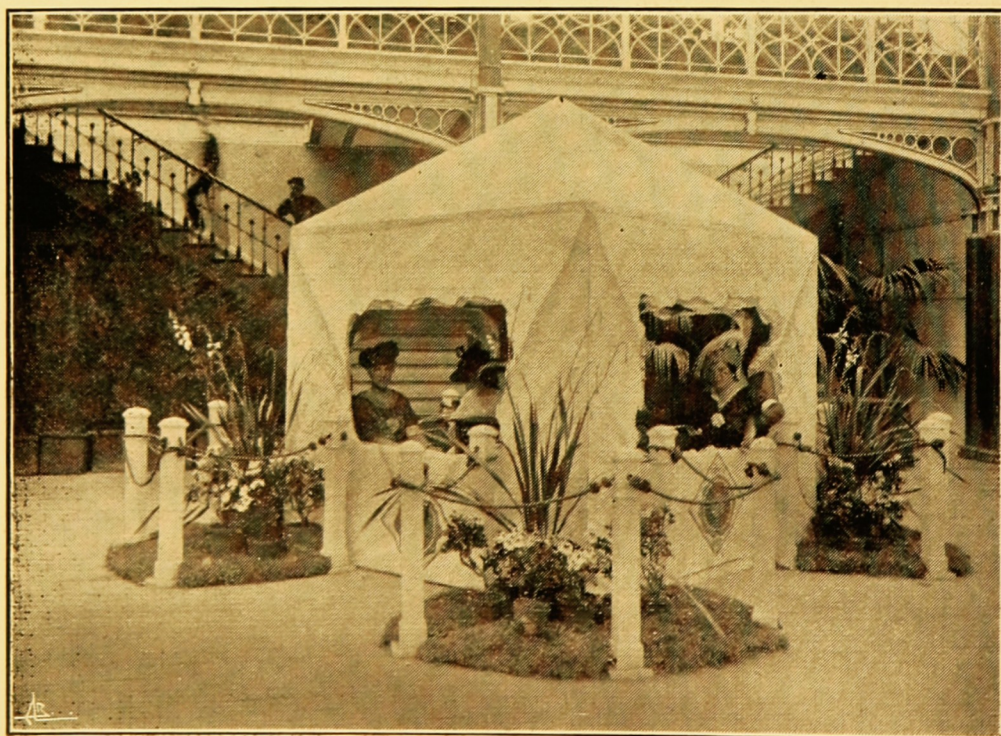
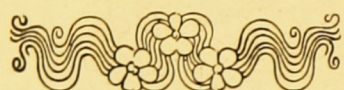




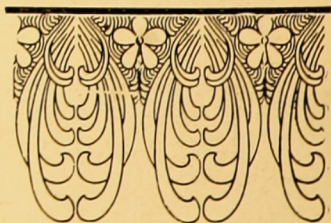
*Barraca
da
"Oitava mara-
vilha
do mundo,"*



*Barraca
portuguesa*



*Barraca
da
venda das
"Obreias pa-
trioticas,"*





Dois grupos de senhoras e cavalheiros que venderam flôres, doces, torecas, etc.



A barraca "Berceau de fleurs,"



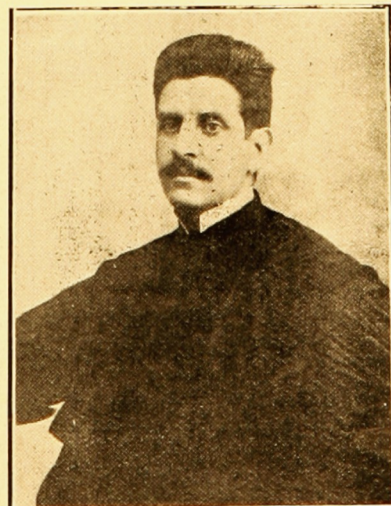
As barracas de louças de barro

(Phot. J. Azevedo.)



1—D. Felismina Rosa da Silva Marinho, esposa do snr. Antonio Magalhães Affonso Marinho, recentemente fallecida n'esta cidade.

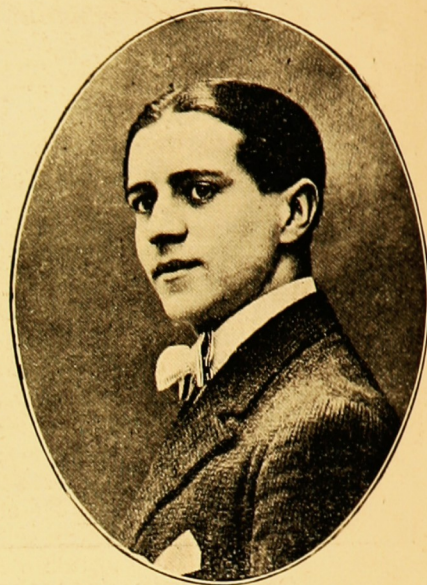
2—Dr. José Libertador Ferraz d'Azevedo, fallecido no dia 10 de Abril, n'esta cidade. Foi juiz em Oliveira de Frades onde era muito estimado e sobrinho da respeitavel senhora D. Maria Amalia Fernandes d'Azevedo.



A Festa da Cruz Vermelha em Gouveia



Sr. Alfredo Antunes Correia iniciador da festa e director do Grupo Dramatico.



Sr. Adelino Ribeiro Tristão, iniciador da festa e secretario do Grupo Dramatico.

Gouveia é uma das terras da Beira que melhor sabe concretisar os elevados sentimentos de caridade e patriotismo.

A par do seu desenvolvimento industrial que é dos mais importantes do paiz, quer pela producção abundantissima dos seus tecidos quer pelo aperfeiçoamento inegalavel dos mesmos, tem a magestade artistica das suas serranias que se lhe avisinham e defrontam como permanente determinação de uma grandeza que não tem igual.

A Serra da Estrella é uma vasta explanação da obra collossal da natureza e Gouveia recebe da poesia magnificente das suas penedias e da alvura scintillante das neves que lhe branquejam

as cristas a inspiração das mais bellas iniciativas, a pujança de uma sentimentalidade que é bem o reflexo das grandes dedicações que se albergam no coração amigo de todos os habitantes.

Esse exemplo nobre de generosidade que dulcifica e amenisa a saude acerba dos nossos soldados em campanha, tambem se repercutiu n'este bello rincão dos Montes Herminios com emanações fluidissimas de um puro e sacrosanto amor de humanidade que, como volupias de graça e de belleza moral, ascenderam ás mais elevadas regiões de todas as perfectibilidades humanas.

Alem de varias iniciativas em perspectiva para auxiliarem a obra meritoria de certas instituições de benemerencia com participação na guerra, outras se praticaram já em Gouveia, merecendo nos especial menção a recita que o Grupo Dramatico de Amadores Gouveenses deu no Theatro Herminio d'esta laboriosa villa, em beneficio da Sociedade Portugueza da Cruz Vermelha e com um producto liquido de Esc. 117\$85 que já foi enviado á mesma Sociedade.

Foi uma festa brilhante de patriotismo e caridade que, apesar de simples e modesta na sua organização, atrahiu a cooperação sympathica de todos os Gouveenses, distinguindo-se briosamente a Corporação dos Bombeiros Voluntarios que prestou a sua espontanea e sincera adhesão e contribuiu com a boa vontade do seu intelligente Commandante Snr. Candido Ribeiro do Amaral para um exito que a todos deixou as mais gratas impressões. Que os sorrisos d'esta risonha primavera entreambram as rosas que vicejam ainda em bolão no peito florido de outras almas juvenis e perfumadas emquanto o orvalho benefico de uma consolação immensa se esparge no coração dos jovens amadores que a "Illustração Catholica", sauda, como nós, n'uma



GRUPO DRAMATICO 1º plano—Da esquerda para a direita, sentados:—Menina Carmo Motta, Rodolpho da Silva Graça e Eduardo Saraiva de Carvalho.

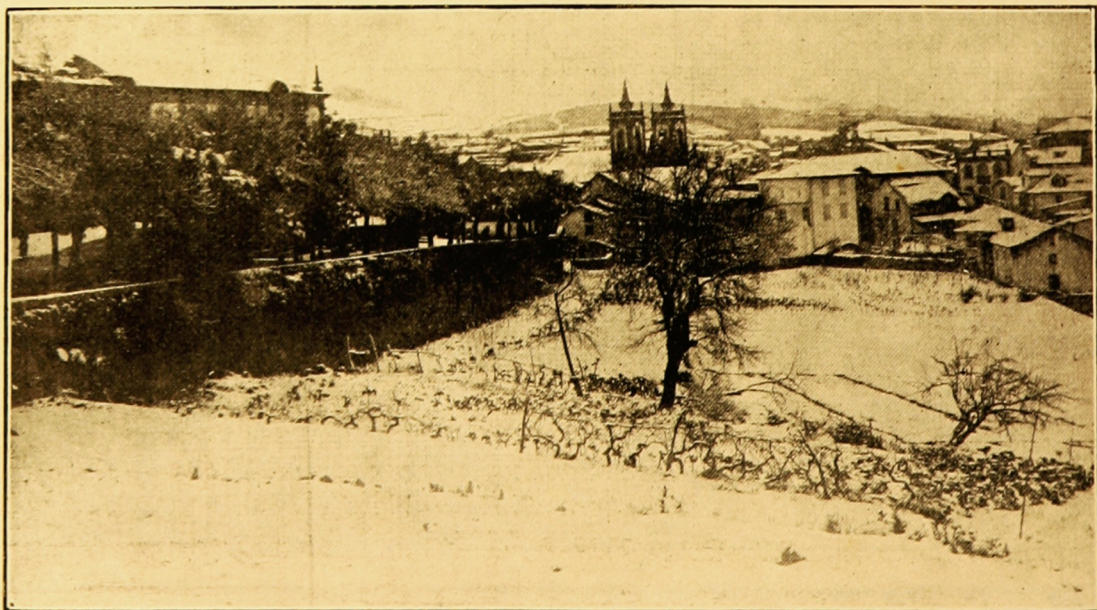
2º plano:—Alfredo Antunes Correia, Adelino Kibeiro, Roque Dias da Fonseca, João d'Almeida Jeronymo, Virgilio Jota e Eduardo Coelho Flor, ensaiador do Grupo e distincto poeta.

homenagem de muita sympathia e apreço ás suas qualidades de iniciativa patriotica e caritativa.

C.



Vista parcial de Gouveia n'um dia de nevada.



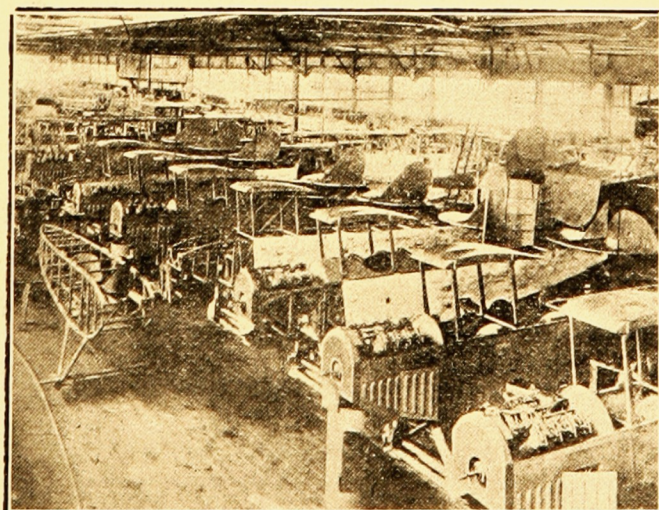


BRAGA ANTIGA—Esquina da rua de Cruz de S. Thiago, agora a desaparecer, com o seu novo alargamento

Guerra Europeia



O Lord Maior de Londres nas trincheiras



Vista de uma das naves da fabrica de aeroplanos "Curtin,, a maior do mundo

PALESTRAS DE ARTE CHRISZÁ

XIX—Architectura (technica)

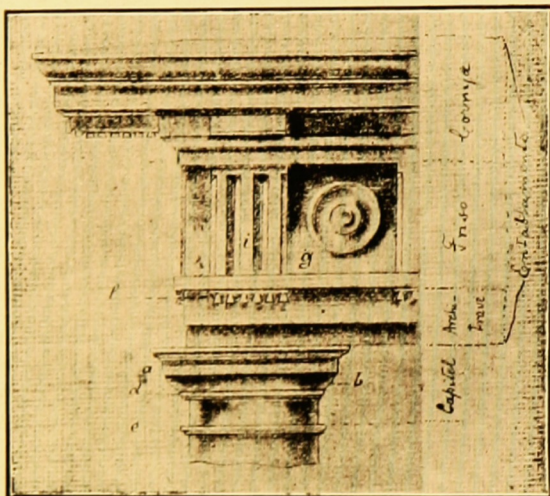
JULGAVA Vignola ter achado uma formula, digamos assim, mathematica para exprimir as proporções das cinco ordens. Tomando como unidade o *semi-diametro inferior* da columna, a que chamou *módulo*, e escolhendo em cada uma das ordens um edificio que a seu ver era o melhor, estabeleceu canones architecturaes que davam a relação que deviam ter entre si os varios elementos que constituem a ordem. Assim por exemplo a columna toscana (incluindo base e capitel) deveria ter 14 modulos, a dorica 16, a jonica, 18, a corinthia e composita, 20. Que as columnas que apresentarem estas proporções são bellas, não ha duvida, mas que não haja belleza senão com ellas é falso. Ha edificios bellissimos gegos em que o comprimento das columnas é inferior,—nos romanos (e nem em todos) é que se encontram verificadas essas regras. Por outro lado é justo registrar que a natureza mesmo do estylo exige certas proporções, por exemplo, que a columna jonica, como mais gracil e elegante, seja mais alta que a dorica, etc.

Isto posto vamos a expor brevemente as caracteristicas das cinco ordens, classicas cujo numero conservaremos para maior facilidade. Começaremos pelas duas fundamentaes.

Ordem dorica.—Em geral as *columnas* não tem pedestal proprio, assentam directamente sob o pedestal do edificio; são estriadas i, e, tem até 20 caneluras de arestas vivas no sentido longitudinal; vão diminuindo de diametro á proporção que sobem, a *diferença do diametro* da base para o apice é quasi 1/6 do da base; a altura varia de 4 a 6 diametros ou 8 a 12 modulos.

O capitel é muito simples: tres filétes, no apice ou collarete da columna, um echino e sobre elle uma pedra quadrangular (o *ábaco*) simples, sobre o qual assenta o entablamento.

A architrave é lisa, sem ornatos, excepto um filéte na extremidade contigua ao friso. Este é ornado de triglyphos (indicam a extremidade das vigas do tecto) são constituídas por tres filétes parallelas verticaes; as metopas, espaço que vae do triglypho a triglypho, são adornadas de relevos variados, na extremidade inferior dos triglyphos algumas vezes ha umas pequenas linhas, marcadas sobre a architrave: são os lagrimaes. Cada triglypho está na perpendicular da columna, e no meio do



Capitel gothico

Legenda—*a*, ábaco; *b*, echino; *d*, *e*, collaretes; *l*, lagrimaes; *g*, métopa; *i*, triglyphos (todos da *Ordem dorica*)

inter-columnio, colloca-se outro. Nos angulos, o encontro de dois triglyphos faz deslocar algum tanto o do inter-columnio.

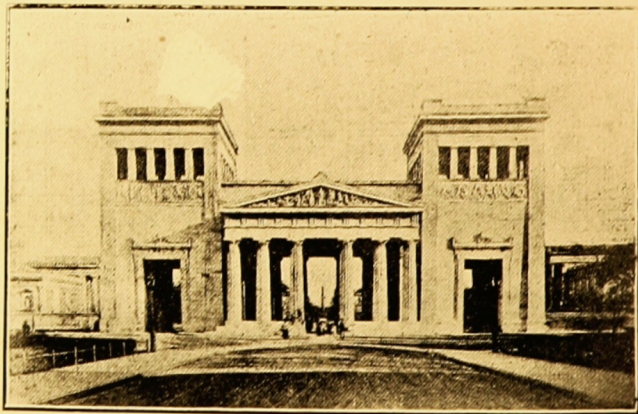
A cornija tem na parte inferior uma faixa de denticulos, indicando as gotas de agua, e varias molduras (listellos, cabeças de leão, etc.)

Ordem jonica.—Além do pedestal proprio, a columna tem uma base constituída por dois toros (anneis salientes e circulares) separados por um scocia (anel circular reintrante). A columna tem 24 caneluras ou estrias cylindricas; com oito a nove diametros de altura.

O capitel é formado por duas volutas que se enrolam de fóra para dentro. Tem portanto dois aspectos diversos; o em que se vêem as espiraes das volutas, e o em que estas espiraes não são visiveis. O capitel jonico (segundo alguns escriptores representa os bandós do penteado das matronas gregas) é caracteristico e inconfundivel. A parte do collarete não occulta pelas volutas é ornada de ovulos om relevo. A architectura é dividida em tres bandós e ornada; o friso não se apresenta dividido por triglyphos; todo elle é ornado de relevos. A cornija tambem apresenta varias molduras e denticulos.

Comparando ordem com ordem vê-se que a dorica é grave, solida, com uma certa belleza mascula; a jonica é mais esbelta e festiva, gracil como a belleza feminina, ornada moderadamente, o sufficiente para enquadrar essa belleza. Uma exaggeração d'estas qualidades ha de nos dar as tres outras ordens, de que fallaremos na proxima vez. As fachadas dos edificios construidos n'estes dois estylos, tem portico e frontão. E' elle encimado pelo tympano (parte superior triangular da fachada).

Na ordem dorica o tympano é ornado de esculpturas (baixos relevos), na jonica estas ommittem-se na superficie triangular, para passarem a ornar, em fórmula de estatuas inteiras o vertice e as basês do triangulo tympanal.



O Propylenn

Edificio em estylo grego puro (Munich)

Gomes Leal, o Poeta da Farça e da Ironia

II

NEM os Deuses da velha Grecia escaparam!
Destronados dos seus templos, arrancados dos seus frisos, dispersos em todos os grandes museus do mundo, perderam a attitude immortal de super-homens, cahindo na triste sorte de reis vencidos.

Jupiter foi apeado da Acrópole. A soberania darou-lhe apenas um instante. Veio o camartelo inglez e levou-lhe para o *South-Kensington* a face impassivel e heroica de medalhão. Um archeologo teutónico, sem mais nem menos, cortou-lhe a barba. Um sabio hespanhol, todo em medidas, pediu-lhe emprestada a tunica—em cujas pregas deslisara a mão genial de Phidias—e foi com ella a uma corrida de touros fazer um *passee de muleta*... Escusado será dizer que nunca mais lh'a deu.

Aqui está o que é feito de *Jupiter Tonante*.

A sua gloria, que tinha deslumbrado todos os recantos do céu, converteu-se n'uma miseria alvâr de gato-pingado e de pelintra...

E o que foi feito de Vénus?

Uma linda manhã, radiante de sol, emquanto as sereias cantavam, ella nascera—nua e abandonada!—dos flócos alvinitentes de espuma...

Reinou como uma imperatriz. Phriné, a pálida Mnezarete, foi sua cortezã. Sócrates, domando os arripios da carne, para não lhe cair aos pés bebeu cicúta.

Levantaram-lhe milhões d'estatuas, desde a *Vénus de Milo* até á *Vénus de Thorn waltzen*. E apesar de tudo o seu imperio cahiu. De nada lhe valeu a sua ardente mocidade. De nada lhe valeu a sua nudez gloriosa. Da nada lhe valeram os seus braços implorativos.

Vénus cahiu!

E o que foi feito do *Amôr*!

Travesso como um brinquedo herdou de sua mãe a subtilissima arte de conquistar corações. Passava os dias a atirar ao alvo as setas envenenadas. As travessuras que elle fez!

Mas uma bella occasião tudo isso acabou.

E o Deus pequenino sahiu garôto da rua...

Querem vêr o que diz Gomes Leal?

A Decadencia dos Deuses

Hoje, os deuses da Grecia e das florestas,
abandonando as formas triumphantes,
são creados de hoteis e restaurantes...
e outras funcções ainda mais modestas.

As suas signas tragicas, funestas,
teem-os levado a farças humilhantes.
Uns são mestres da dança, outros tunantes
—e as deusas fazem cousas pouco honestas.

Mas o que me doeu sangrentamente
foi vêr Jove, o *Tonante*, o *Omnipotente*,
Pae dos Astros, dos Soes, de Heroes de cunho...

na escada do palacio de um banqueiro,
feito *guarda-portão*, feito porteiro,
—hirto, de farda, e de vasculho em punho.

Interwiew com Júpiter

Jove! disse eu, abrindo um largo abraço
ao Pae dos deuses, triste, e de vassoura,
Então tu estás aqui??... Tua senhora
passa bem? O que faz no azul do Espaço?

Soffre muito do figado, do bácio!
Jóve me respondeu.—Meu sceptro outr'ora
não valia um chicharro: este d'agora
que é o vasculho, traz-me horrôr, cançasso!

Como é grotesco o seculo das luzes!...
Astros, Deuses, ou Reis, tudo alcafruzes
D'uma nôra bestial, sem graça e brilho!...

Amôr joga o peão ali na rua.
O Mercúrio é banqueiro e traz gazua.
—Vénus bebe *guardente*, e uza espartilho.

DOM SANCHO.

Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

Retalhos



A situação da Russia é grave, angustiosa. A desordem, o desvairamento, a onda voraz d'uma anarchia contida a chicote, tresvasa, irrompe como as aguas ululantes d'um dique que se abrisse. Boiam naufragos, na marezia limosa, os principios e as leis. Depois da prepotencia d'um homem a mais feroz, a mais cega e dissolvente das prepotencias: a prepotencia dos homens. A iniquidade, o despotismo individual, espesinhados, vencidos, pelo despotismo collectivo. A casta revolucionaria aprendeu na adversidade a destruir, —raça demolidora e odienta, que se illustrou nos carceres e endureceu nas *stepes* siberianas. Guindada ao poder o seu gesto foi de vingança, a sua expressão de destruir. Cada lei é uma catástrophe, escripta com odio e com revindicta, a reacção desesperada da carne fumida ainda dos vergões do *Knout*. O exercito encontrou-se no mais cruel dilema: abrir as fronteiras ao inimigo ou deixar infrene a revolução em triumpho desvairar e perder-se, esboroar-se como a onda immensa se esboroa d'encontro aos fragões e agora vê que toda essa desordem inutilizará o seu esforço, desvirtuará a sua attitude e abrirá as portas ao inimigo cruel.

E' doloroso ver desmoronar, abater uma nacionalidade forte.

O nosso Accacio poderá dizer agora com propriedade na sua prophetica oratoria de Callino:

«Seculos d'esforço tardaram para erguer tudo aquillo; um minuto de febre, bastou, para o arrazar» e, se não fivesse adherido, apostilhariam com genio pela primeira vez:

«Para que deram descanso ao *Knout*?!»

E' noite. No seu velho cadeirão d'*Utrecht* o Kaiser tem uma hora de melancholia, um fugidio rebate de remorso. Ao lado na velha mesa, desenrolla-se uma carta do mundo toda semeada de bandeiras, de signaes, cortada de riscos, corrida de manchas negras. E' o mundo que elle quiz dominar, o mundo que lhe escapou e que arrasta consigo a sua aura de victoria. De fóra, vem pragas, vem supplicas, o côro estentorio da fome, do desespero, que sobe, ulula, desvairador e presago, alli mesmo a dois passos onde se lucha e morre, na macabra mechanica da sua vontade. Trovejam os canhões, sibilam balas longinquas de mistura com esse ruido sinistro. abafado dos batalhões que passam. O Kaiser tem visões. Deante dos seus olhos bailam tragedias, commoções, miragens sinistras de sangue. Ergue-se de repellão e procura affastar o pesadello, tenta um livro, olha o mappa e todos aquelles mil signaes se voltam para elle revoltados como mil braços condemnando... Alvo rece. Desesperado toca um fimbria; um ajudante corre pressuroso, fiel. E á sua pergunta sollicita o Kaiser responde encolhendo os hombros e afivellando a espada:

—Queria! queria poder chorar.

Maio, o mez religioso das flôres já canta nas searas. Ha chapadas de sol nas urzes bravias e os montes florescem, riem, illuminados, em largas pincelladas de luz.

Uma epopea de fartura canta e sorri nos primeiros fructos que entreabrem e ha reductos de sombra discreta nas beiradas dos muros, debaixo dos cachos dos lilazes e dos festões rôxo-amethista das glycinias. As rosas esplendem nos canteiros e nas sebes, nos campos moireja, cantando, a gente alegre das *beçadas* e nas tardes já serenas e discretas enfoam os velhos rouxinões.

O sol inunda, alaga, n'uma eterna romaria de luz, como quizesse esquecer que lá longe o velho mundo se revolve e choca, n'uma guerra feroz. E' tão suave, tão doce, a quietação feliz da natureza que esplende, que a alma, esquece as amarguras, o desassocego d'esta vida incerta de sobresaltos e privações. Ha lucto, miseria, fome, por todos os cantos lagrimas e decepções, anseios, desventuras. Mas o sol nunca teve tanto oiro, nunca irradiou tanta luz. A aldeia afinal nunca teve tanta miseria, mas tambem a gente alegre e mourejadora das *beçadas* nunca cantou tão divertida e feliz...

O sol—Deus louvado—vae aprendendo com a gente!...

O ROUXINOL

(Idyllo)

Por V. A. C.

N'umas franças junto á gruta
Tem uma ave o brando lar.
Vae com sua voz arguta
N'umas franças junto á gruta
A' tenra prole que a escuta
Os seus hymnos modular
N'umas franças junto á gruta
Tem uma ave o brando lar.

Ao vir a luz matutina
Mensagemira do aureo sol
No prado ri-se a bonina
Ao vir a luz matutina;
E junto dos filhos trina
O suave rouxinol
Ao vir a luz matutina
Mensagemira do aureo sol.

E ao ardor do igneo raio
Quando vem direito ao chão
Todo o prado é um desmaio;
E ao ardor do igneo raio
O rouxinol escuta-e-o
Como é mais sonoro então
E ao ardor do igneo raio
Quando vem direito ao chão.

Inda á tarde e noite adeante
Quando o silencio é geral
Prolonga o doce descante;
Inda á tarde e noite adeante;
Com a fonte sussurrante
Que tambem canta no val
Inda á tarde e noute adeante
Quando o silencio é geral.

Que dizes n'esse gorgeio
Avezinha tão gentil
Dá-me o sabêl-o recreio.
Que dizes n'esse gorgeio?
D'outros cantos tão alheio
E nas notas tão subtil!
Que dizes n'esse gorgeio
Avezinha tão gentil?

N'estas doces vozes tantas
Eu vario hymnos de amor.
Vou cantando pelas plantas
N'estas doces vozes tantas
Hymnos á Santa das sentas
A' Virgem Mãe do Senhor.
N'estas doces vozes tantas
Eu vario hymnos de amor.

A' Virgem Mãe—a Maria—
Não quero cantos a sós,
Hymnos de amor noute e dia;
A' Virgem Mãe - a Maria—
Vae minha lyra á porfia
Contigo alternar veloz
A' Virgem Mãe—a Maria—
Não quero cantos a sós.

A AVE

A' linda Virgem da gruta
Que me escuta
Do mimoso ninho ao pé,
Dou prazer no garganteio
De amor cheio
Como assim outro não é.

A' linda Virgem da gruta
Sem disputa
Canto do sol ao nascer,
E assim á Virgem recreio
Sem receio
De cantos de mór prazer.

A' linda Virgem da gruta
Se permuta
Com o bando multicolor
Da futinegra o gorgeio
De permeio
Como o rouxinol cantor.

A' linda Virgem da gruta
Heide em lucta
O melro vencer aqui,
Como já n'este passeio
O floreio
Do pintasilgo venci.

A' linda Virgem da gruta
Resoluta
Hei cantar os tropheus
Criei-me da matta em meio
N'um anceio
De mandar hymnos a Deus.

O POETA

A' linda Virgem da gruta
Vae arguta
De mim a lyra dar fé,
Tem notas que são o enleio
De amor cheio
A' Virgem de Nazareth.

A' linda Virgem da gruta
Absoluta
Soberana do meu sêr
Cantos tenho de trecheio
Sem receio
Que mais lindos possa haver.

A' linda Virgem da gruta
Que perscruta
O meu coração na dôr
Mais destra a lyra meneio.
De permeio
Com teu canto de primor.

A' linda Virgem da gruta
Que desfructa
O meu canto que aprendi
Quero dar (de certo creio)
O floreio
Que jamais cantar te ouvi.

A' linda Virgem da gruta
Repercuta
Minha lyra os cantos seus
Diga da Virgem que o seio
N'um anceio
Me tem de vêl-a nos Céus.

Aqui a bella avezinha
Abrindo as azas morreu
De cançado que se tinha
Aqui a bella avezinha
A victoria mais azinha
Só com a morte me deu
Aqui a bella avezinha
Abrindo as azas morreu.

Anecdotas historicas

Ditos e pensamentos



Pontapés

Regente de França, que deixou fama de inegalavel pandego, era perdido pelos bailes de mascaras na Opera. Ia alli mascarado com o seu valido, o cardeal Dubois, e para que não o conhecessem auctorisava o ministro a que de vez em quando lhe applicasse uma roda de pontapés. Parece que d'uma vez o cardeal lhe deu um mais de rijo, que o Regente voltou-se a dizer-lhe:

—Mais de vagar, tu disfarças-me de mais!

Embaixador imberbe

Philippe II mandou a Roma, em 1586, o condestavel de Castella, que era muito joven, a felicitar Sixto V sobre sua exaltação. O Papa, descontente por lhe mandarem embaixador de tão pouca idade, disse-lhe:

—Faltariam homens ao vosso rei para me enviar um embaixador sem barba?!

O embaixador respondeu altivo:

—Se meu soberano tivesse pensado que o merito consistia em ter barba, de certo vos teria mandado um bode e não um gentil homem como eu.

D. José I e o algarvio

Um dia D. José I embarcou em Belem com destino a Samora, mas quando a galeta chegou ao Montijo encalhou por falta d'agua e foi preciso o rei atravessar o lodo aos hombros d'um valente algarvio. Onde o lodo era mais atoladiço, o algarvio perguntou ao rei:

—Pergunto a V. M. se acaso por minha desgraça cahir em alguma asneira, pela qual seja sentenciado a ser enforcado, ha de consentir que onde se montou, se monte o carasco?!

—Não.

Respondeu o rei.

—Pois é o que lhe valeu! . . . senão . . .

—Senão o que?!

—Senão batia-lhe com o espinhaço no meio d'este lôdo que o havia de levar um milhão de diabos.

El-rei riu muito e depois gratificou o algarvio com uma peça d'ouro.

Vimes de molho

Roberto Walpole, celebre ministro inglez, costumava convidar a jantar alguns membros do parlamento que ainda se não tinham manifestado sobre questões em discussão e que elle desejava ver approvadas. Um amigo perguntou-lhe:

—Porque convidas a jantar homens cuja opinião ignoras e os embebedas com Champagne?

Respondeu o astuto ministro:

—Sou como o cesteiro que põe de molho n'agua seus feixes de vimes antes de servir-se d'elles, para sujeita-los melhor.

Um bello rosto é o mais estimavel de todos os espectaculos, e a mais suave harmonia é o som da voz d'aquelle que se ama.

La Bruyere.

Sinceridade



—Magnifico este meu retrato! O sr. é um grande pintor!

—São favores, minha senhora. Eu não passo de um 'pinta-mônos'...

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguinte documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Antonio José de Carvalho, residente na rua de Santa Margarida, 9, 1.º em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochio de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaça.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 3, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero

A. de Menezes

MANUAL DAS FILHAS DE MARIA (Congregações marianas)

Preços:—Encadernado em carneira, 490; em chagrín, corte doirado, 540 réis.

MANUAL DOS CONGREGADOS DE N. SENHORA

Preços:—Encadernado em percalina, 440; em carneira, 490; em chagrín, corte doirado, 540 réis.

Novas edições, feitas por A. de Menezes, em harmonia com as ultimas regras publicadas.

Francos de porte. Para registo, mais 50 réis por pacote. Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia devem ser feitos a ANTONIO GOMES PEREIRA, Calle San Telmo, 21—**TUY.**

BRAGA—Na administração da «Illustração Catholica» rua dos Martyres da Republica.

NO PORTO—Joaquim da Silva e Melo & C.ª—rua do Corpoda Guarda, 19 a 21.

Arte e Religião

Officinas de escriptura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

PORTO

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encomendas para as Provincias, Ilhas, Ultramar e Brazil.

Preços e todas as informaes

Pereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos para o curso dos Lyceus, Commercial e Instrucção Primaria..

TEIXEIRA DE ANDRADE

Professor da Escola Academica

Rua de S. Marcos, 46

Ensina linguas para o Lyceu.

Escola Normal e Commercial.

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos. e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos «Echos do Minho», e officina de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^o Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA